

Editorial

SintaxeBRASIL 3 – Artigos selecionados

Edja Trigueiro 

Frederico de Holanda 

Valério de Medeiros 

Comissão Organizadora do SintaxeBRASIL 2026



<https://doi.org/10.47235/rmu.v14i1.524>

O terceiro simpósio brasileiro de Sintaxe Espacial (SintaxeBRASIL) foi realizado, virtualmente, nos dias 7 e 8 de maio de 2026, numa parceria entre os grupos de pesquisa *DIMPU (Dimensões Morfológicas do Processo de Urbanização)*, da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília, e *MUsA (Morfolgia e Usos da Arquitetura)*, do Departamento de Arquitetura da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Expressão da maturidade da abordagem metodológica no país, o SintaxeBRASIL 3 confirmou a periodicidade do evento, após as edições de 2022 e 2024, com expansão progressiva de participantes, de artigos apresentados e de enfoques pertinentes ao campo de conhecimento.

Na primeira edição foi estabelecido um diálogo entre a perspectiva nacional e a Lusofonia, com o comparecimento de palestrantes e membros da comissão científica de países de língua portuguesa; a segunda promoveu uma articulação com a América Latina, com convidados do Chile e do México. Nesta terceira edição, o evento dedicou-se a uma perspectiva nacional, amparado pelo interesse em debater a complexidade, a escala e a diversidade do país a partir de uma leitura configuracional e sintática. De leituras que atravessam territórios litorâneos e do interior, pelos sertões e florestas, a uma compreensão das fronteiras políticas e de paisagem do Brasil, promoveu-se o fortalecimento das interlocuções, interações e entrelaçamento de pesquisas e perspectivas. A palavra-chave para o SintaxeBRASIL 3 foi “ponte”, símbolo do diálogo que se esperava desenvolver, como aquele que se fez entre Natal e Brasília para a organização do evento.

Uma frente de pesquisa em fortalecimento, estimamos que, no Brasil, grupos estruturados em pelo menos doze cidades vêm explorando

os axiomas, os métodos e as técnicas da Teoria da Sintaxe Espacial, também referida como Sintaxe do Espaço, Análise Sintática do Espaço ou Teoria da Lógica Social do Espaço. Os fundamentos da abordagem começaram a ser esboçados em textos clássicos de Bill Hillier e Adrian Leaman do início dos anos 1970, tendo atingido sua plena maturação no livro *The social logic of space*, assinado em coautoria por Bill Hillier e Julienne Hanson, e publicado em 1984. De lá para cá, o número de produções tem demonstrado a expansão e a adaptação da abordagem, em contínua interlocução com diversas disciplinas.

Desde 1997, simpósios internacionais têm reunido pesquisadores mundo afora para a troca de achados relacionados ao emprego de instrumentos de investigação da Sintaxe do Espaço – em 2026 a 15ª edição ocorreu em Johor Bahru, na Malásia. Os simpósios brasileiros alinham-se à perspectiva global e visam a fortalecer laços da “comunidade sintática” nacional, assim como a servir de instância para a reflexão sobre trabalhos a serem desenvolvidos ou refinados.

No SintaxeBRASIL 2026 os quatro eixos levados a efeito na segunda edição foram mantidos, com alguns ajustes e complementações:

1. Teoria, Métodos e Técnicas

O eixo compreendeu a discussão de conceitos, métodos e técnicas da Teoria da Lógica Social do Espaço, particularmente em seus desdobramentos em função de contínuos desafios da pesquisa, a incluir novas ferramentas e *softwares*. O foco esteve na investigação de relações entre a configuração espacial e sistemas de encontros e esquivanças, em todas as escalas dos espaços socialmente apropriados.

2. Assentamentos Humanos, Cidades e Regiões

A configuração dos conjuntos edificados, existentes ou em projeto, em quaisquer situações, foi o tema do eixo. Interessava predominantemente o debate que atravessa escalas e territórios, desde pequenos assentamentos às estruturas metropolitanas contemporâneas. Foram exploradas: a) as configurações e os modos de vida correlatos; b) a configuração dos conjuntos como recurso socialmente utilizado, a incluir modos de ter, pensar, agir e sentir; c) as relações entre configurações e valores abraçados por esses microcosmos sociais; d) as transformações nas estruturas espaciais ao longo do tempo; e) as contradições ou os descompassos entre configurações dos espaços e modos de vida; e f) o diálogo entre assentamentos, seus espaços públicos e edificações. Aspectos de mobilidade/movimento, inclusão/exclusão social e patrimônio edificado estiveram no centro de interesse.

3. Edificações

O eixo contemplou predominantemente a análise da configuração do espaço interno das edificações, existentes ou em projeto, a incluir recortes quanto: a) ao espaço doméstico e aos modos de habitar; b) à interpretação de espaços institucionais, de comércio ou de serviços, fossem públicos ou privados; c) às relações entre categorias dos sujeitos sociais e sua classificação por meio da configuração edilícia; d) às discussões sobre patrimônio remanescente e novas formas de construir.

4. Interloquções, Atravessamentos e Diálogos

Aqui, o tema prioritário foi o leque de trabalhos, pesquisas e práticas no qual a configuração, lida por meio da Teoria da Lógica Social do Espaço, é coadjuvante e complementar a outras abordagens. Buscavam-se trabalhos de pesquisa, prática ou extensão em que conceitos, métodos e técnicas da TLSE participassem de um aporte metodológico maior, que se relacionasse a outras áreas de conhecimento e outros modos de ver e pensar os fenômenos. Esperavam-se diálogos transdisciplinares que expressassem travessias e entrelaçamentos possíveis entre campos disciplinares a partir da perspectiva configuracional e de distintas escalas, objetos

e pontos de contato e conflito. Temas emergentes ao campo, a incluir a perspectiva ambiental, a sustentabilidade e o ensino e a prática docente, entre tantos, eram bem-vindos.

O presente número da Revista de Morfologia Urbana contém uma seção especial dedicada a três dos melhores artigos do evento. No texto *“O bailar da elite em cinco atos: poder, qualidade de vida, verticalização, franjas urbanas e centro”*, Ninfa Canedo e Valério de Medeiros investigam a movimentação habitacional da “elite” em Goiânia/GO, com o propósito de identificar características espaciais e sociais em diálogo com a mobilidade habitacional. Os autores se valem de estratégias da Teoria da Lógica Social do Espaço para confrontar dados configuracionais e imobiliários e, em síntese, identificam cinco movimentos e localizações diacronicamente estruturados para a capital de Goiás. Os achados subsidiam o debate quanto ao binômio centralidade/periferia: *“a elite se desloca buscando áreas de acesso facilitado com garantia de privacidade: os empreendimentos concentram-se nos arredores de vias estruturadoras, entretanto se resguardando delas. Os elementos motivadores para o deslocamento assentam-se nos pilares de segurança, localização, exclusividade e poder, traduzidos como qualidade de vida”*.

No artigo *“Configuração espacial e acessibilidade: subsídios para requalificação ambiental do Jardim Zoológico de Brasília”*, Matheus Oliveira, Maurício Annerman, Paula Albala e Marta Romero apresentam um diagnóstico integrado de configuração espacial e acessibilidade no contexto de transição do modelo de *ménagerie* para o conceito contemporâneo de Eco-Parque no Jardim Zoológico de Brasília (JZB), inaugurado em 1957. Ao definirem o lugar como *“um dos equipamentos públicos mais emblemáticos da capital federal, reunindo áreas de visitação e serviços voltados à fauna, à pesquisa e à educação ambiental”*, discutem a intenção de o JZB alinhar-se aos princípios contemporâneos com foco primário na conservação da biodiversidade e na inclusão. O caráter propositivo resulta da articulação

metodológica entre a Sintaxe Espacial e levantamentos *in loco* de fluxos, veiculares e de pedestres. Como produto, são apresentadas diretrizes projetuais para uma reestruturação configuracional para “*superar a segregação espacial atual, consolidando o parque como um território acessível de mediação entre a sociedade e a biodiversidade*”.

Em “*Centralidade emergente e morfologia do deslocamento no Distrito Federal: o caso de Samambaia*”, Vinícius Alves e Ana Paula Gurgel exploram os padrões morfológicos e de uso e ocupação do solo de Samambaia, Região Administrativa XII (RA XII) de Brasília. Amparados pelas premissas e estratégias da Sintaxe Espacial, os autores processam as bases cartográficas históricas e atuais de Samambaia, o que permitiu a obtenção de “*um arcação de séries históricas axiais que revela como elementos do projeto urbano, como os Espaços Livres de Uso Público (Elups), seu centro urbano e suas avenidas estruturantes foram apropriados*”.

Os artigos selecionados para a Revista de Morfologia Urbana traduzem distintas possibilidades de diálogo entre a Sintaxe Espacial e outras abordagens. Os textos delineiam uma síntese da diversidade do evento à qual se somam os temas apresentados

nas sessões temáticas e nas palestras que contribuíram para consolidar perspectivas pretendidas para o SintaxeBRASIL 3, totalizando quase 50 artigos. A terceira edição, considerando também os pré-eventos (oficinas online sobre *softwares* e modelagens vinculadas ao campo), contou com mais de 300 participantes, em várias categorias, representando 80 instituições. Estamos nos aproximando dos 1.000 pesquisadores ou entusiastas integrantes da comunidade virtual, criada desde a primeira edição, e que segue se expandindo, com atualizações frequentes sobre o tema.

A participação e a diversidade de instituições envolvidas no evento expressam a consolidação da Sintaxe Espacial no Brasil. Os temas explorados e os debates subsequentes indicaram caminhos a seguir. Por fim, cabe registrar que não importa, para o que buscamos, examinar a TLSE como protagonista ou coadjuvante nas pesquisas, mas sim considerar que o espaço tem efeitos sobre a sociedade por ser capaz de promover ou mediar possibilidades, oferecendo um campo de alternativas para as pessoas. A Sintaxe Espacial, cabe reforçar, não é um mapa axial ou uma modelagem colorida, ainda que de grande beleza gráfica, mas sim uma perspectiva que se propõe a discutir a relação entre espaço e sociedade, ou, talvez com mais precisão, a instância espacial da sociedade.